

“*Vida Severina*” – Seu Pompeu e Zé Leandro: dois camponeses cearenses, duas migrações, dois tempos e vidas, 1950 – 1960

Enilce Lima Cavalcante de Souza  
Mestre em História Social - UFC

Para situar, no tempo e no espaço, a saga de migrantes de José Leandro e Vicente Pompeu, têm-se os elementos de análise da estrutura fundiária no Ceará.

“ É a terra que querias ver dividida”

Para descansar eu quero só  
esta cruz de pau com chuva e sol,  
este sete palmos e a ressurreição!  
Mas para viver eu já quero ter  
a parte que me cabe no latifúndio seu:  
que a terra não é sua, seu doutor ninguém!  
A terra é de todos porque é de Deus!

D. Pedro Casaldáliga

Os problemas vivenciados por nossos personagens migrantes podem ser detectados em vários estudos do período, em particular, nas décadas de 1950 e 1960, quando a Questão Agrária está entre os temas mais discutidos. Nessas décadas, conforma-se a “Questão Agrária”, com os debates sobre migração e êxodo rural, como neste anteprojeto:

... o Estado do Ceará é a região do País onde ocorrem deslocamentos demográficos em maior escala, em detrimento da agricultura. O êxodo rural é um fenômeno que atinge proporções alarmantes por ocasião das grandes secas, mas não é condicionado apenas às calamidades climáticas periódicas. Na verdade, ele ocorre em caráter permanente, pois existe um contínuo e intenso fluxo migratório interno das zonas rurais para os núcleos urbanos do Estado, especialmente para a capital, além de um constante e caudaloso fluxo interestadual, dirigido tradicionalmente para o Sul do País, sobretudo para os estados São Paulo e Paraná, fluxo este deslocado parcialmente para o Planalto Central nos anos mais recentes como resultado da poderosa força centrípeta criada naquela região pelo advento de Brasília<sup>1</sup>.

O texto é parte do “Plano de Reforma Agrária”, elaborado em 1967 (três anos após a legalização do Estatuto da Terra, em novembro de 1964). Apresentando minucioso estudo sobre o Ceará, o estado aparece como área de intenso fluxo migratório, interno e interestadual,

---

<sup>1</sup> IBRA – Instituto Brasileiro de Reforma Agrária. *Anteprojeto do Plano de Reforma Agrária da Área Prioritária de Emergência do Ceará*. Rio de Janeiro: s.e., 1968, p. 2.

combinando migrações e êxodo rural, com aproximadamente três quartos da população dependendo da agropecuária.

O estudo de Christine Jacquet também apresenta elementos de análise da migração da população rural cearense. Para o movimento a que se refere, como “extinção do sistema de parceria”, vê conseqüências que se unem aos fatores de diminuição da “mortalidade da população rural cearense”, que agravam o “fracionamento das propriedades e a precarização dos modos de apropriação da terra”<sup>2</sup>.

Ilustrativa é a narrativa de José Germano Maia, onde, com ironia, fala sobre a estrutura fundiária da região do Vale do Jaguaribe, no Ceará: “... o vale do Jaguaribe é um dos vales de mais minifúndios (...) tem camponês que morrendo se enterrar atravessado pega o terreno todinho...”<sup>3</sup>.

Avaliando aspectos ligados à mortalidade, Jacquet analisa que, na década de 1960, “o Ceará iniciou uma transição demográfica que se expressou na redução da mortalidade”. Isso contribui para “manter em um nível elevado o crescimento natural da população rural”. Ainda que até 1950 o “sistema de herança do pequeno campesinato [cearense] que era igualitário”, ou seja, que permitia aos pais ajudar igualmente a todos os filhos após o desmembramento da família, fosse suficiente. A partir dessa data, o filho deserdado da terra, vê, como solução, não mais a partilha dos bens familiares, mas o êxodo para “poucos quilômetros de sua casa, como na direção de outros estados brasileiros”<sup>4</sup>.

A origem de pequenas propriedades deve-se, principalmente, na região do Cariri cearense, segundo Haidine Barros, “ao desmembramento por herança”. No espaço escolhido para aplicação de seus estudos, em 1962, não havia “áreas devolutas ou baldias e a alta valorização desses terrenos faz com que sejam intensamente utilizados”<sup>5</sup>.

Numericamente, de acordo com a tabela abaixo, na população rural, cresce a migração, e, apesar do crescimento de dois para mais de três milhões de habitantes, no meio rural, entre os anos de 1950 e 1965, o que se destaca é o percentual comparativo entre a

---

<sup>2</sup> JACQUET, Christine. A reestruturação da agricultura cearense: notas sobre a alteração das condições de reprodução do pequeno campesinato. *Dados. Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, IUPERJ, Vol. 43, nº 4, p. 8, 2000.

<sup>3</sup> Trechos da entrevista realizada por Mônica Emanuela N. Maia em 11.08.2004 *apud* MAIA, Mônica Emanuela Nunes. “A necessidade e o chicote”: seca e saque em Limoeiro do Norte (1950-1954). Dissertação de Mestrado. Fortaleza, UFC, 2005. p. 21.

<sup>4</sup> JACQUET, Christine. A reestruturação da agricultura cearense... Op. Cit., p. 9. De acordo com a autora, o contexto de divisão familiar igualitária da posse da terra entre os camponeses “prejudicou a viabilidade dos pequenos estabelecimentos, conseqüentemente o destino social do pequeno campesinato”, de tal forma, que contribuiu para o aspecto singular aqui enfocado da migração cearense.

<sup>5</sup> BARROS, Haidine da Silva. O Cariri cearense. O quadro agrário e a vida urbana. *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro, ano XXVI, p. 76/562, outubro-dezembro de 1964.

participação da população cearense e o total da população brasileira. Isso transforma a curva da participação em curva declinante, pois, em 1950, a população do Ceará representa 5,1% da população nacional, enquanto em 1965, os cearenses figuram apenas como 4,5% da população brasileira.

TABELA 1

Crescimento da População Urbana e Rural Cearense – 1950-1960

Ano	CEARÁ			% Total Ce/Br	BRASIL		
	Urbana	rural	Total Ceará		urbana	rural	Total Brasil
1950	679.604	2.015.846	2.695.450	5,1	18.782.891	33.161.506	51.944.397
1960	1.124.829	2.213.027	3.337.856	4,7	31.990.938	38.976.247	70.967.185
1965	1.420.372	2.287.472	3.307.844	4,5	41.200.000	41.022.000	82.222.000

Fonte: Serviço Nacional de Recenseamento e SPA/IBRA<sup>6</sup>

Ratificando a tabela acima e a declaração do IBRA, a SUDENE indica a presença de migrantes em Brasília, desde a década de 1950, o que confirma a persistência de intensa emigração das áreas rurais. “A construção de Brasília, no final da década de 50, e a abertura da estrada Belém-Brasília e da Transamazônica, posteriormente, atraíram muitos emigrantes em busca de melhor condição de vida”<sup>7</sup>.

De 1960 a 1970, a emigração do Ceará para a região Norte indica o percentual de 34,6% dos migrantes. Para a região Sudeste, migravam 8,6%. Para o Sul do país, um contingente de 14,9%, enquanto que para o Centro-Oeste, onde residiam os candangos, aproximadamente 14,6% de migrantes do Ceará podiam ser encontrados. Esses percentuais, somados, representam cerca de 11, 3% do total de migrantes nordestinos, ou seja, 102,1 milhares de cearenses, entre cerca de 1.344 milhares de emigrantes da região Nordeste.

A migração intra-regional se deu para os estados vizinhos do Nordeste, e não somente para as outras regiões do Brasil: para o Maranhão, 41.906; Piauí, 21.105; Rio Grande do Norte, 6.021; Paraíba, 4.509, Pernambuco, 20.075; Alagoas, 280; Sergipe, 280 e para a Bahia, forma 3.295 migrantes<sup>8</sup>.

<sup>6</sup> IBRA – Instituto Brasileiro de Reforma Agrária. Op. Cit., p. 103.

<sup>7</sup> BRASIL. SUDENE. DRH; UFPE. UFPB. *Dinâmica das microrregiões de intensa atividade migratória*. Vol. 1. Recife: SUDENE, 1980, p. 180.

<sup>8</sup> MOURA, Hélio Augusto. *Nordeste: migrações inter e intra-regionais no período de 1960-1970*. Recife: SUDENE/DRH/DM, 1975, p. 11 e 18.

É curiosa a informação sobre o reduzido número das áreas que expulsam os camponeses cearenses, em comparação com o elevado contingente de trabalhadores rurais que emigram dessas terras, como podemos observar nos detalhes do mapa do Ceará e das Microrregiões de intensa Emigração Rural, no estado (Mapa 1 e Quadro 1). O Ceará possui poucas áreas expulsoras se comparado ao alto índice de emigração rural do Nordeste.

Apesar da pequena quantidade de áreas mapeadas, como expulsoras de braços para o trabalho migrante, percebe-se que isso não implicou relação de proporcionalidade. Ao contrário, tem-se uma relação inversamente proporcional no caso. Apesar de contar com apenas sete áreas caracterizadas como microrregiões de intensa emigração rural, em meio a vinte e três outras, essas microrregiões promovem a “sina” do ‘Ceará migrante’.

Quadro1 - Microrregiões do Ceará

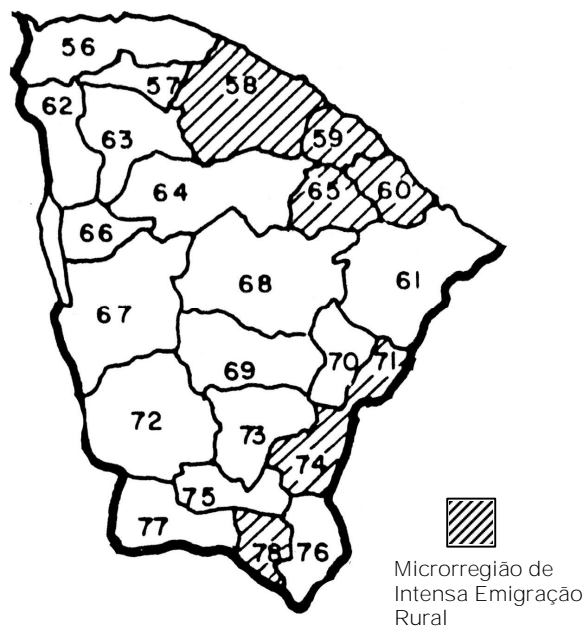
Nº	NOME	Nº	NOME
56	Litoral de Camocim e Acaraú	67	Sertões de Crateús
57	Baixo Médio Acaraú	68	Sertões de Quixeramobim
58	Uruburetama	69	Sertões do Senador Pompeu
59	Fortaleza	70	Médio Jaguaribe
60	Litoral de Pacajús	71	Serra do Pereiro
61	Baixo Jaguaribe	72	Sertão dos Inhamuns
62	Ibiapaba	73	Iguatu
63	Sobral	74	Sertão do Salgado
64	Sertões de Canindé	75	Serrana de Caririaçu
65	Serra de Baturité	76	Sertão do Cariri
66	Ibiapaba Meridional	77	Chapada do Araripe
		78	Cariri

Fonte: SUDENE/DRH

### Mapa 1

### Emigração Rural no Ceará, 1960-1970<sup>9</sup>

<sup>9</sup> Id. Ibidem., p. 45. As microrregiões do Ceará listadas no quadro auxiliar ao mapa, foram identificadas nesta mesma fonte.



Fonte: SUDENE/DRH

Ao focalizar microrregiões, como as da Serra de Baturité ou Serra de Pereiro, avistam-se regiões com climas amenos, certa periodicidade pluviométrica, relativa capacidade produtiva, bom solo e clima. Em observação do Cariri, percebe-se a mescla de características ambientais, entretanto, também nessa região, encontra-se maior quantidade de postos de trabalho, haja vista a concentração de engenhos de cana-de-açúcar. E o que dizer então do litoral e regiões próximas á área metropolitana de Fortaleza, além da própria capital cearense?

Não é estranho compreender a anedota com os cearenses, ao dizer que estes estão em todos os lugares do planeta. Diz a música que “até na Lua tem gente do Ceará”. O fato não pode ser presumido exclusivamente como consequência das secas e nem resumido ao problema da estrutura agrária do Ceará.

Os estudos do IBRA analisam aspectos da estrutura agrária, em que coexistem minifúndios e latifúndios:

Na estrutura fundiária, dois extremos se aliam como geradores de problemas sociais: o latifúndio e o minifúndio. No caso específico do Ceará, conforme comprovam os resultados dos estudos (...) o ponto crítico da estrutura fundiária se localiza na existência de 117.345 minifúndios, enquanto os latifúndios somam 32.954, dos quais 2 o são por dimensão e os restantes por exploração.<sup>10</sup>

<sup>10</sup> IBRA – Instituto Brasileiro de Reforma Agrária. Op. Cit., p. 3.

O que une as diferentes microrregiões não é o habitat. Não é apenas o escaldante sol que tosta os sertões, é como diz o poeta: “o problema do Nordeste não é a seca, mas a cerca”.

É a concentração fundiária que envolve serra, sertão e litoral; que transforma um coronel de Iguatu, no melhor amigo do grileiro de Padre Andrade, em fiel escudeiro do latifundiário de São Benedito, como se diz nas linhas de *Terra Livre*: no aliado natural do tatuira de Limoeiro do Norte<sup>11</sup>. E, se a base agrária pode unir a elite latifundiária do Ceará, também pode fazer com que migrantes e retirantes encontrem motivos para a solidariedade e para a disposição de luta, e ainda, para construção do sentido de pertença classista, ou, como dito na sensibilidade do “poeta-pássaro”:

Pobre agregado, força de gigante  
escuta amigo o que te digo agora:  
depois das trevas vem a luz d’aurora  
e a tua estrela surgirá brilhante.  
Pensando em ti eu vivo a todo instante  
Minh’alma triste e desolada chora  
Quando te vejo pelo mundo afora  
Vagando incerto qual judeu errante  
Para saíres da fatal fadiga  
Do horrível jugo que cruel te obriga  
A padecer situação precária  
Lutai altivo, corajoso e esperto  
Pois só verás o teu país liberto  
Se conseguires a reforma agrária.<sup>12</sup>

### A vida Severina

Por trás do que lembro,  
ouvir de uma terra desertada,  
vaziada, não vazia,  
mais que seca, calcinada.  
De onde tudo fugia, (...).  
Tudo o que não fugia, (...)  
a terra devastada  
ainda mais fundo devastava.

João Cabral de Melo Neto. “O Rio – Morte e Vida Severina”.

<sup>11</sup> A expressão tatuira é utilizada e incorporada ao vocabulário camponês, em boa parte do país, para designar o latifundiário. A imagem do tatuira é a de um homem gordo, meia idade, com aparência às vezes de preguiça, de cobiça, de crueldade. A imagem foi usada na imprensa militante, em charges e poesias, como ilustrado na segunda parte deste trabalho. A identificação servia para denunciar a exploração e opressão nos campos, por meio da ação dos periódicos, principalmente do *Terra Livre*, além de *Novos Rumos*. “... se mostrava cruamente as condições de vida e de trabalho que deviam ser mudadas, e que por isso haveria que se organizar adequadamente em solidariedade de classe”. MEDEIROS, Leonilde Sérvolo de. *Le Statut de la terre et les luttes des paysans brésiliens*. In: ABRAMOVAY, Ricardo (org.). *Le Statut de la Terre* (30 ans de Questions Agraires au Brésil). *Cahiers du Brésil Contemporain*. Paris, número spécial, pp. 68-69, 1995a.

<sup>12</sup> SILVA, Antônio Gonçalves (Patativa do Assaré). *Reforma Agrária*. In: CARVALHO, Gilmar de (org.). *Patativa do Assaré*. Antologia poética. Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha, 2001, p. 218.

Há quase quarenta anos, Zé Leandro e seu Pompeu percorrem em suas vidas os caminhos que os levam à solidariedade e ao comum lugar de camponeses cearenses migrantes.

Invadida a Rádio Dragão do Mar (manchete de capa d'*O Povo*), em 1º de abril de 1964, um conhecido líder camponês, militante do PCB, escapa por pouco das grades e da repressão, graças à 'ignorância' dos soldados que ocupam aquele veículo de imprensa: José Leandro Bezerra da Costa, assim narra a fuga:

Quando saí do Sindicato dos Ferroviários, no dia 01.04.64, resolvi deixar uma mensagem para ser lida, dirigindo-nos aos camponeses tentando encorajá-los naquele momento de tensão nacional. Na Rádio Dragão do Mar estava ditando para um repórter escrever. De repente, chega outro repórter e diz: 'O exército cercou e interditou a Rádio; Leandro, você não pode ser preso, venha que nós já temos dado fuga a alguém por aqui'.<sup>13</sup>

José Leandro, além da história política ligada à vida camponesa e à luta pela reforma agrária, contra os latifundiários e a injusta estrutura agrária do Ceará, traz lembranças de migração por motivos políticos e de sobrevivência, assim como tantos outros severinos.

Sobrevive aos cascos dos ditadores e à fome imposta após o golpe, por não poder desenvolver nenhuma das atividades anteriores. Desloca-se para o Rio de Janeiro, em 1964, "Impossibilitado de continuar residindo no Ceará, isto porque sabíamos o motivo do golpe militar de 01.04.64, o qual surgiu para impedir o avanço democrático e a realização de uma Reforma Agrária radical no País..."<sup>14</sup>.

Na cidade do Rio, Zé Leandro, primeiro, faz militância do PCB, junto ao operariado carioca, indo depois se instalar, como pequeno agricultor, na Baixada Fluminense. Com a chegada da família, em janeiro de 1965, o lote não sustenta todos, experiência comum, da qual fogem muitos migrantes, inclusive os que, mesmo tendo um pedaço de terra, não suprem suas necessidades.

Atente-se que, nas décadas de 1950 e 60, dão-se, na Baixada Fluminense, sérios conflitos de terra entre grileiros e posseiros<sup>15</sup>. A atuação do Partido Comunista Brasileiro, na

---

<sup>13</sup> COSTA, José Leandro Bezerra da. *Depoimento. Minha Vida, a Sindicalização Rural e as Lutas Camponesas no Brasil*. Fortaleza: IOCE, 1988, p. 93.

<sup>14</sup> Id. *Ibid.*, p. 97.

<sup>15</sup> As lutas dos camponeses nos chamados "sertões cariocas" estão discutidas em GRYNSPAN, Mário. *Mobilização camponesa e competição política no estado do Rio de Janeiro (1950-64)*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, PPGAS/UFRJ, 1987; e em PEDROZA, Manoela da Silva. *Terra de Resistência. Táticas e estratégias camponesas nos sertões cariocas (1950-1968)*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, UFRS, 2003. Também sobre a questão agrária no Rio de Janeiro: SILVA, Luiz Rogério Oliveira da. *Luta*

região, desde a década de 1940, é incrementada a partir de 1950. José Leandro não é mais apenas o migrante perseguido politicamente pela ditadura, mas, o militante do Partido Comunista, profissionalizado para tarefas diversas.

Trabalhando na venda de confecções, Zé Leandro, conhecido como Bezerra, arranja “ocupação” para prover o sustento da família que, ao mesmo tempo, possibilita as andanças pelo interior do Rio de Janeiro, realizando as tarefas militantes designadas pelo Partido:

Passei a viajar de Vassoura a Campos, fazendo as cidades de Vassoura, Nova-Iguaçu, Duque de Caxias, Magé, Itaboraí, Cachoeira de Maracá, Nova Friburgo, Rio Bonito, Silva Jardim, Niterói, São Gonçalo, Araruana, São Pedro da Aldeia, Cabo Frio, Macaé, São João da Barra e Campos. Nesse trabalho tive oportunidade de visitar todos os locais das lutas camponesas daquela região no Estado do Rio de Janeiro<sup>16</sup>.

A saga de Zé Leandro e sua história de migrante têm estreita ligação com a luta dos trabalhadores rurais cearenses, que, por aqueles anos, vivem a expectativa da sindicalização rural como lugar do reconhecimento de direitos. No Rio de Janeiro, não é diferente, como ressalta:

Apreendi muito e consegui sair vivo com outros que estão por aí neste país. Morreram muitos dos companheiros que trabalharam juntos naquele estado. Muitos dos que morreram estavam ali vindos de outros Estados, fugindo da ‘Redentora’, como eu.<sup>17</sup>

Zé Leandro, como tantos outros sobreviventes ao golpe de 1964, tenta continuar atuando nos partidos e nos movimentos sociais até 1975, quando, escapando ao aparelho da repressão, a maioria dos militantes de esquerda vive sua experiência limite: o exílio e a clandestinidade.

Seu Pompeu, militante do PCB, fica no Ceará, com o golpe, conhece os porões da ditadura, enfrenta o rigor da repressão, inclusive a tortura. O camponês, desde a infância, teve a vida ligada ao campo e relata experiência de migração, na década de 1950. O relato reafirma e dá materialidade à história dos ‘severinos cearenses’ que migram de sua terra.

José Leandro, sozinho, leva dezesseis dias de Fortaleza ao Rio de Janeiro, em velho caminhão; Vicente Pompeu da Silva, com mulher e filho, percorre uma estrada de chão batido, durante onze dias, num pau-de-arara, até chegar a São Paulo:

---

*pela terra em São José da Boa Morte: participação política e representação social no cotidiano dos lavradores (1960-1964)*. Dissertação de Mestrado. Assis, UNESP, 1994.

<sup>16</sup> COSTA, José Leandro Bezerra da. Op. Cit., p. 98.

<sup>17</sup> Id. Ibid., p. 98.



Eu fui lá o seguinte, eu criei assim uma ambição, que todos os trabalhadores rurais que iam pra São Paulo, enricavam, ganhava muito dinheiro. Terra boa, agricultura ... eu disse, vou pra lá. Vendi os casebre velho, tudo o que eu tinha e apurei um conto e quinhentos e trinta. Vendi uma casa, um jumento, um cabrito, um pouco de feijão, tudo eu fiz um conto e quinhentos e trinta, e fui pra São Paulo, (...). Fomos fazer a vida lá na agricultura. Mas não é como diziam<sup>18</sup>.

Seu Pompeu discursa nos sindicatos, assina as atas e argumenta com as autoridades políticas, sem abandonar a enxada. Arrendado, na colheita do algodão, trabalha com camponeses de Iguatu. José Leandro se aproxima da terra para forjar nela as sementes da luta camponesa, o arado é a palavra falada ou escrita, como vivência militante.

No estudo da migração, a apreensão da lógica da cadeia migratória, que se forma, possibilita compreender a “escolha” dos locais para aonde migram os severinos. No caso de Pompeu, também há uma ponte que o liga à cidade a que se destina:

Eu tinha um primo que estava lá [Lucélia – SP], um primo solteiro que não tinha casa, não tinha nada. Vivia trabalhando na casa dos outros e pagando pra fazer comida pra ele e tudo mais. Quando eu cheguei lá, eu e minha mulher, eu dormi logo em cima de um saco de algodão. A mulher foi pra casa do vizinho e dormiu lá mais o meu filho mais velho. Ficamos sem casa. Depois ele arranhou pra mim um casebrezinho, na beira do riacho, plantava muita batatinha, muito brejado, plantava banana. Ficamos lá e fiz uma cama velha de coqueiro e tudo mais. Fui trabalhando.<sup>19</sup>

Os ganhos de Pompeu, em Iguatu, são poucos, sem esperança de melhoria. O sonho de melhorar a vida pelo trabalho leva-o à Inúbia, distrito de Lucélia, segundo ele, uma boa cidade em São Paulo. Como acontece com alguns, seu Pompeu retorna ao Ceará, quase um ano depois. O retorno ao Ceará pode ter informado sua atuação na vida política. É possível que sua adesão à militância tenha começado nas terras de Inúbia.

Os motivos que levam seu Pompeu a São Paulo são diferentes dos que expulsam José Leandro para o Rio de Janeiro. Um migra bem antes do golpe e de se tornar militante comunista. O outro é levado a migrar pela participação e liderança comunista nas lutas políticas pela reforma agrária, logo após o golpe militar.

Mesmo distintas, as experiências se assemelham: os protagonistas são alvos do latifúndio. Por motivos diferentes, os interessados na migração de ambos, na saída, ou na chegada, são latifundiários, a elite agrária. São marcas da migração nas décadas de 1950 e 1960. migração militante ou militantes em migração?

---

<sup>18</sup> Entrevista com o Sr. Vicente Pompeu da Silva, realizada em 14 de junho de 2003.

<sup>19</sup> Id. Ibid.